

SHEA ERNSHAW

A  
MALDIÇÃO  
DO MAR

Tradução de  
Octávia Alves

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

# O MAR

**E**m 1822, as três irmãs chegaram a Sparrow, no Óregon, a bordo de um navio de comércio de peles chamado *Lady Astor*. Naquele mesmo ano, o navio naufragou na baía além do cabo.

Estavam entre os primeiros habitantes que se estabeleceram na recém-fundada cidade costeira, e vagavam pelo novo mundo como pássaros de pernas longas, com cabelo caramelo ondulado e pele de alabastro. Elas eram bonitas — bonitas demais, o povo da cidade diria mais tarde. Marguerite, Aurora e Hazel se apaixonavam com frequência, e pelos homens errados; aqueles cujo coração já pertencia a outro alguém. Eram sedutoras, provocantes e, para os homens, impossíveis de resistir.

Mas o povo da cidade de Sparrow entendia que as irmãs eram muito mais do que isso. Eram bruxas, conjurando feitiços para tornar os homens infiéis.

Então, no fim de junho, quando a lua nada mais era que uma farpa no céu encoberto, amarraram pedras aos tornozelos das irmãs. Elas foram jogadas ao oceano. E, assim como o navio em que chegaram, afundaram e sumiram.

# UM

Tenho uma velha fotografia, tirada na década de 1920, de uma mulher em um circo itinerante, submersa num imenso tanque de água: o cabelo loiro ondeando ao redor da cabeça, as pernas escondidas sob uma falsa cauda de sereia feita de tecido metálico e costurada de forma a insinuar escamas. Esguia e angelical, os lábios comprimidos, prendendo o fôlego em meio à água gelada. Vários homens estão parados em frente ao aquário, observando-a como se fosse real. Somos facilmente enganados pelo espetáculo, não é mesmo?

Eu me lembro dessa fotografia toda primavera, quando a cidade de Sparrow começa a ser tomada pelos boatos sobre as três irmãs que se afogaram além da boca do porto, depois da ilha Lumiere, onde moro com minha mãe. Consigo ver as três irmãs flutuando como fantasmas delicados nas sombras abaixo da superfície, inconstantes e preservadas, como a sereia do espetáculo. Dois séculos atrás, quando foram jogadas às profundezas, será que elas lutaram para ficar acima da superfície ou permitiram que o peso das pedras as arrastasse para o leito frio e rochoso do Pacífico?

Uma névoa matinal, sombria e úmida, desliza pela superfície do oceano entre a ilha Lumiere e a cidade de Sparrow. A água parece tranquila quando caminho pela doca. Começo a desamarrar o es-

quife — um barco de fundo chato, com dois bancos e um motor de popa. Não é o ideal para enfrentar tempestades e vendavais, mas é perfeito para um pulo até a cidade. Otis e Olga, os gatos tigrados que apareceram misteriosamente na ilha há dois anos, me acompanham até a água, miando como se lamentassem minha partida. Saio todas as manhãs à mesma hora, atravessando a baía antes do sinal da primeira aula — economia global, uma matéria que jamais vou usar —, e toda manhã eles me seguem até a doca.

O fecho de luz intermitente do farol varre a ilha. Por um momento, passa por uma silhueta parada sobre o penhasco na rochosa margem ocidental. Minha mãe. Os braços dela estão cruzados à frente do velho suéter cor de camelo, justo no corpo frágil. Ela olha para o vasto Pacífico, como faz toda manhã, esperando alguém que nunca voltará. Meu pai.

Olga se esfrega em meu jeans, arqueando o lombo ossudo, erguendo a cauda e pedindo colo, mas não tenho tempo. Levanto o capuz de minha capa de chuva azul-marinho, cobrindo a cabeça, embarco e puxo a corda do motor até que volte à vida. Em seguida, manobro o esquife para o nevoeiro. Não consigo ver a costa ou a cidade de Sparrow através da névoa, mas sei que está lá.

\* \* \*

Mastros altos e pontiagudos como espadas se erguem da água. São armadilhas, naufrágios de tempos passados. Quem não conhece o caminho tem grande chance de acertar o barco em um dos destroços que ainda assombam estas águas. Abaixo de mim, uma teia de cascos incrustados de cracas, elos de correntes enferrujadas sobre proas em frangalhos, peixes hospedados em escotilhas apodrecidas, os cordames há muito corroídos pela água salgada. Um cemitério de navios. Como

os pescadores locais, que singram a névoa sombria até o mar aberto, eu consigo navegar pela baía de olhos fechados. A água é fria e profunda aqui. Enormes navios costumavam trazer suprimentos até o porto, porém não mais. Agora apenas pequenos barcos de pesca e balsas de turistas aparecem. Os marinheiros dizem que estas águas ainda são assombradas — e eles estão certos.

O barco bate de encontro à lateral da doca 11, vaga 4, onde fica atracado enquanto estou na aula. A maioria dos jovens de 17 anos tem carteira de motorista e velhos carros enferrujados, comprados via internet ou herdados de irmãos mais velhos. Em vez disso, eu tenho um barco. E nenhuma vontade de ter um carro.

Ajeito no ombro a mochila de lona, pesada com os livros, e corro pelas ruas cinzentas e escorregadias até a escola secundária de Sparrow. A cidade de Sparrow foi fundada no encontro de dois cumes, espremida entre a montanha e o mar, o que torna deslizamentos de terra comuns aqui. Algum dia, talvez, ela será completamente arrastada. Empurrada para a água e enterrada sob 12 metros de chuva e lodo. Não existem cadeias de fast-food em Sparrow, nenhum shopping ou cinema, nenhuma Starbucks (embora tenhamos uma cafeteria). Nossa pequena cidade está protegida do mundo exterior, congelada no tempo. A população é de gritantes 2.024 habitantes. Mas esse número cresce todo ano no dia primeiro de junho, quando os turistas invadem a cidade e tomam conta de tudo.

Rose está parada no gramado na frente da escola, digitando no celular. O cabelo ruivo rebelde brota de sua cabeça em cachos indisciplinados, que ela odeia. Mas sempre invejei o modo como seus fios vigorosos não aceitam ser domados, amarrados ou presos, ao passo que meu cabelo liso e castanho não pode ser coagido em nenhuma configuração alegre ou com algum balanço... e eu tentei. Mas cabelo escorrido é apenas cabelo escorrido.

— Você não vai me dar um perdido esta noite, vai? — pergunta ela ao me ver, arqueando as sobrancelhas.

Ela guarda o celular na sacola de livros outrora branca, mas agora desenhada com caneta permanente e marcadores coloridos, em uma colagem de azul-noturno, verde-floresta e rosa-chiclete; um grafite policromático que não poupou nenhum espaço. Rose quer ser uma artista... Não. Rose *é* uma artista. Está determinada a se mudar para Seattle e cursar o Instituto de Arte quando nos formarmos. E quase toda semana ela me lembra de que não quer ir sozinha, então devo acompanhá-la e ser sua colega de quarto. Compromisso que evitei assumir desde o nono ano.

Não é que eu não queira fugir desta cidade chuvosa e horrível. Eu *quero*. Mas me sinto presa. O peso da responsabilidade cai sobre mim como um manto. Não posso deixar minha mãe sozinha na ilha. Sou tudo o que lhe resta; a única coisa que ainda a prende à realidade. E talvez seja tolice (ingenuidade até), mas também alimento a esperança de que meu pai volte um dia. Em meus devaneios, ele aparece na doca, como num passe de mágica, e caminha até a casa, como se o tempo não tivesse passado. Eu preciso estar aqui caso ele o faça.

No entanto, conforme o segundo ano do ensino médio chega ao fim e o terceiro se aproxima, sou forçada a analisar a realidade de que meu futuro pode estar aqui em Sparrow. Talvez eu nunca saia deste lugar. Posso ficar presa aqui.

Vou continuar na ilha, lendo a sorte nas folhas de chá servido em xícaras de porcelana branca, como minha mãe costumava fazer antes de meu pai sumir e nunca mais voltar. Os locais conduziam suas embarcações pela enseada, às vezes em segredo, sob uma lua fantasma, às vezes no meio do dia, porque tinham uma pergunta urgente que precisava de resposta. Eles se sentavam em nossa cozinha, tamborilando

no tampo da mesa de madeira, esperando que minha mãe lhes revelasse seu destino. Mais tarde, antes de partir, deixavam notas dobradas ou amassadas ou esticadas na mesa. Minha mãe enfiava o dinheiro em uma lata de farinha guardada na prateleira ao lado do fogão. Talvez seja essa a vida que me espera: sentada à mesa da cozinha, o doce aroma do chá de camomila ou lavanda e flor de laranjeira preso ao cabelo, correndo os dedos pela borda da caneca e encontrando mensagens no caos das folhas.

Vislumbrei meu futuro naquelas folhas muitas vezes: um garoto soprado do mar, naufragado na ilha. Seu coração batendo selvagem no peito, a pele feita de areia e vento. E meu coração incapaz de resistir. É o mesmo futuro que vi em cada xícara de chá desde os 5 anos, quando minha mãe me ensinou a decifrar as folhas. *Seu destino descansa no fundo de uma xícara de chá*, havia sussurrado ela, com frequência, antes de me mandar para a cama. E a ideia desse futuro se agita dentro de mim sempre que penso em deixar Sparrow, como se a ilha me atraísse de volta, meu destino enraizado aqui.

— Não vou “dar um perdido”, considerando que eu nunca disse que iria — respondo a Rose.

— Não vou deixar que perca outra festa Swan. — Ela inclina o quadril para o lado, enganchando o polegar direito na alça da sacola. — Ano passado, Hannah Potts colou em mim até o amanhecer. Não quero repetir a dose.

— Vou pensar no assunto.

A festa Swan sempre teve dupla finalidade: marca o início da temporada Swan e também a festa do fim de ano escolar. Uma celebração regada a álcool, um bizarro misto de excitação pelo fim das aulas e o pavor iminente da temporada Swan. Em geral, as pessoas ficam me-gachapadas e ninguém se lembra de nada.

— Nada de pensar! Apenas vá. Quando você pensa demais nas coisas, acaba desistindo.

Ela tem razão. Eu gostaria de querer ir. Gostaria de me importar com festas na praia. Mas nunca me senti confortável em situações assim. Sou a garota que mora na ilha Lumiere, cuja mãe enlouqueceu e o pai sumiu, que nunca sai depois da aula, que prefere passar as tardes lendo tabelas de maré e observando barcos no porto em vez de encher a cara com desconhecidos.

— Se não quiser, você nem precisa se fantasiar — acrescenta ela.

Vestir uma fantasia nunca foi uma opção. Ao contrário da maioria dos cidadãos de Sparrow, que mantêm um traje do início dos anos 1800 de prontidão no fundo do armário para a festa Swan, eu não tenho uma fantasia.

O sinal da primeira aula toca, e seguimos a procissão de alunos pela porta de entrada principal. O cheiro do corredor é uma mistura de cera e madeira podre. As janelas, de folha única e mal vedadas, chacoalham a tarde inteira com o vento. As luminárias piscam e zumbem. Nenhum dos armários fecha direito por causa de um desnível no alicerce. Se eu conhecesse outra cidade, outra escola, talvez achasse esse lugar deprimente. Em vez disso, a chuva que se infiltra pelo telhado e que pinga nas carteiras e nos pisos dos corredores durante as tempestades de inverno parece familiar. É como um lar para mim.

Rose e eu não assistimos às primeiras aulas juntas, então caminhamos até o fim do corredor A e paramos ao lado do banheiro feminino, antes de nos separarmos.

— Só não sei o que falar para minha mãe — admito, descascando o restante do esmalte Blueberry Blitz do polegar esquerdo.

Rose me obrigou a passar essa cor durante uma de nossas noites de cinema em sua casa, há duas semanas... Foi a noite em que ela decidiu



que, para se enquadrar em um curso sério de arte em Seattle, precisava assistir aos clássicos de Alfred Hitchcock. Como se filmes assustadores em preto e branco de algum modo pudessem sagrá-la uma artista *séria*.

— Fala que vai numa festa, ué! Conta pra ela que você tem uma vida. Ou apenas fuja. Provavelmente, ela nem vai perceber que você saiu.

Mordo o lábio e paro de cutucar a unha. Deixar minha mãe sozinha, mesmo por uma noite, é algo que me deixa apreensiva. E se ela acordar de madrugada e perceber que não estou mais em minha cama? Acharia que eu fugi, como meu pai? Sairia à minha procura? Faria algo impulsivo e estúpido?

— Seja como for, ela está presa naquela ilha — completa Rose. — Para onde iria? Não é como se ela fosse se jogar no oceano. — Ela hesita, e nós nos encaramos. Ela se jogar no oceano é precisamente meu medo. — O que estou querendo dizer é que nada vai acontecer se você a deixar por *uma* noite. E você vai estar de volta logo após o amanhecer.

Olho para o outro lado do corredor, para a porta da sala de minha aula do primeiro tempo, economia global, onde quase todo mundo já está em seus lugares. O Sr. Gratton, parado ao lado de sua mesa, batuca com a caneta em uma pilha de papéis, esperando o último sinal tocar.

— Por favor — implora Rose. — É a noite mais importante do ano, e não quero ser a derrotada que vai sozinha novamente.

Um leve sibilar acompanha a palavra “sozinha”. Quando Rose era mais nova, sofria de sigmatismo. Todos os seus Ss soavam como Xs. Na escola primária, as crianças costumavam ridicularizá-la toda vez que um professor pedia que lesse em voz alta na frente da classe.

Depois de visitas regulares a um fonoaudiólogo em Newport, três vezes por semana durante o primeiro ano do ensino médio, ela saiu do

casulo e abriu as asas. Minha melhor amiga, sibilante e desajeitada, tinha renascido: confiante e destemida. Muito embora sua aparência não tenha, de fato, mudado, ela agora brilhava como uma bela espécie exótica que eu não reconhecia, enquanto eu permanecia a mesma. Tenho a impressão de que, algum dia, não vamos saber dizer *por que* somos amigas. Ela vai voar para longe, como um pássaro de cores vivas que esteve preso na parte errada do mundo, e ficarei para trás: penas cinzentas, pesada e sem asas.

— Tudo bem — respondo, sabendo que, se eu perder outra festa Swan, ela pode me deserdar como sua única amiga.

Rose abre um enorme sorriso.

— Graças a Deus. Pensei que teria que sequestrá-la e arrastá-la até aqui. — Ela ajeita a alça da sacola no ombro. — Vejo você depois da aula — diz, e dispara pelo corredor assim que o último sinal toca pelos alto-falantes de metal no teto.

Hoje temos apenas meio-período: primeiro e segundo tempos, porque é o último dia de aula antes das férias de verão. Amanhã é primeiro de junho. Apesar de a maioria das escolas não começar o recesso de verão tão cedo, a cidade de Sparrow iniciou a contagem regressiva há meses. Cartazes anunciando festivais em homenagem às irmãs Swan já tinham sido pendurados e espalhados pela praça da cidade e sobre vitrines de lojas.

A temporada de turistas começa amanhã. Com ela, uma onda de forasteiros e a abertura da sinistra e mortal tradição que assola Sparrow desde 1823 — desde que as três irmãs Swan se afogaram em nosso porto. A festa de hoje à noite marca o início da temporada que vai trazer muito mais do que apenas o dinheiro dos turistas; vai trazer lendas, especulações e dúvidas quanto à história da cidade.

E, como sempre, todo ano e sem falta, também vai trazer morte.

# UMA CANÇÃO

Começa com um suave canto murmurado na maré, um som tão tênue que pode ser apenas o vento soprando pelas persianas de madeira, pelas escotilhas dos barcos de pesca ancorados, ao longo das fendas estreitas de portas destrancadas. Mas, depois da primeira noite, a harmonia de vozes se torna inegável. Um hino encantado, singrando pela superfície da água, frio e delicado e sedutor. As irmãs Swan despertaram.

# DOIS

**A**s portas da escola se escancaram logo antes do meio-dia, e um desfile ruidoso de estudantes é liberado na atmosfera pegajosa do início da tarde. Gritos e urros empolgados ecoam pelo pátio da escola, espantando as gaivotas pousadas no muro de pedra que delimita o gramado da frente.

Apenas metade da turma de formandos se deu o trabalho de aparecer para o último dia de aula. Aqueles que o fizeram rasgam páginas dos cadernos e deixam o vento levá-las — uma tradição que marca sua alforria do ensino médio.

O sol, parado no céu depois de queimar a névoa da manhã, parece preguiçoso, derrotado e exausto, incapaz de aquecer a terra ou nossos rostos gelados. Rose e eu marchamos pela Canyon Street em nossas galochas, a barra dos jeans enfiada para dentro, a fim de mantê-los secos; os casacos abertos, na esperança de que o dia clareie e es quente antes da festa de hoje à noite, à qual ainda não tenho certeza se vou comparecer.

Na Ocean Avenue, viramos à direita e então paramos na esquina seguinte, onde a mãe de Rose tem uma loja igual a um pequeno bolo quadrado, com paredes de tijolo pintadas de branco e beirais cor-de-rosa. É lá que Rose trabalha todo dia depois da escola. O letreiro acima

da porta de vidro diz: BOLOS DESMEMORIADOS DA ALBA, em letras imitando glacê cor-de-rosa sobre um fundo cor de creme. No entanto, a placa de madeira começou a azinavrar, ganhando um tom esverdeado que terá que ser lavado. Uma luta constante contra a maresia.

— Meu turno só tem duas horas — diz Rose, passando a sacola de livros para o outro ombro. — Me encontra às nove nas docas?

— Claro.

— Se você tivesse um celular, como uma pessoa normal, eu poderia mandar uma mensagem mais tarde.

— Celulares não pegam na ilha — lembro pela centésima vez.

Ela deixa escapar um suspiro exasperado.

— O que é catastróficamente inconveniente para mim.

Como se fosse ela quem precisasse enfrentar a ausência de sinal de celular.

— Você vai sobreviver — digo com um sorriso cínico.

E ela devolve o gesto, as sardas espalhadas pelo nariz e pelas maçãs do rosto, como constelações de areia dourada.

A porta atrás dela se abre de repente, com o soar de carrilhões e sinos contra o vidro. Sua mãe, Rosalie Alba, sai para o sol, protegendo a vista com uma das mãos, como se estivesse encarando o mundo exterior pela primeira vez desde o último verão.

— Penny! — diz a Sra. Alba, baixando a mão. — Como está sua mãe?

— Na mesma — respondo.

A Sra. Alba e minha mãe foram amigas um dia, de um modo casual. Às vezes se encontravam para o chá nas manhãs de sábado, ou a Sra. Alba aparecia na ilha Lumiere. As duas assavam biscoitos ou torta de amora quando as amoreiras começavam a tomar conta da ilha, e meu pai ameaçava queimar tudo.

A Sra. Alba também é uma das únicas pessoas na cidade que ainda pergunta sobre minha mãe... uma das poucas que ainda se importa. Faz três anos que meu pai desapareceu, e é como se a cidade o tivesse esquecido completamente. Como se ele nunca tivesse vivido aqui.

Mas é bem mais fácil encarar seus olhares indiferentes a ouvir os boatos que circularam pela cidade nos dias depois de seu sumiço. *Para começo de conversa, John Talbot nunca pertenceu a este lugar, haviam sussurrado. Ele abandonou a mulher e a filha; ele sempre odiou morar em Sparrow; ele fugiu com outra mulher; ele enlouqueceu com a vida na ilha e se jogou no mar.*

Meu pai era um forasteiro e jamais tinha sido aceito pelos locais. Eles pareceram aliviados quando meu pai se foi. Como se ele merecesse. Mas minha mãe cresceu aqui, cursou o ensino médio em Sparrow, depois conheceu meu pai na faculdade, em Portland. Eles se amavam, e sei que ele nunca teria nos abandonado. Éramos felizes. Ele era feliz.

Algo bem mais estranho aconteceu com meu pai há três anos. Um dia, ele estava aqui. No seguinte, não mais.

— Pode dar isso a ela? — pergunta a Sra. Alba, estendendo uma pequena caixa cor-de-rosa, atada com uma fita de bolinhas brancas.

Eu a peguei de sua mão, sentindo a fita com a ponta dos dedos.

— Qual é o sabor?

— Limão e lavanda. Uma nova receita que venho testando.

A Sra. Alba não fazia bolos prosaicos para desejos prosaicos. Seus pequenos bolos desmemoriados eram concebidos para fazer qualquer um se esquecer da pior coisa que já havia lhe acontecido... para apagar memórias ruins. Não estou convencida de que funcionem de verdade. Mas o pessoal da região e os turistas de verão devoram os pequenos bolos como se fossem um antídoto potente, um remédio para um pensamento indesejado. A Sra. Potts, que mora em uma casa estreita

na Alabaster Street, afirma que, depois de comer um bolo de chocolate com manjeriço e figo, não conseguia mais se lembrar do dia que o cachorro de seu vizinho Wayne Bailey mordeu sua panturrilha e a fez sangrar, deixando uma cicatriz que parece um raio. E o Sr. Rivera, o carteiro da cidade, alega que só se recorda de modo vago do dia em que a mulher o deixou por um bombeiro que vive em Chestnut Bay, a uma hora de carro ao norte.

Ainda assim, acredito que isso se deva apenas ao monte de xícaras de açúcar e aos sabores peculiares nos bolos da Sra. Alba que, por um breve instante, não permitem que a pessoa pense em outra coisa além da rusticidade da lavanda misturada à acidez do limão; nem mesmo as piores memórias conseguem aflorar diante disso.

Quando meu pai desapareceu, a Sra. Alba começou a mandar para minha mãe todo sabor imaginável de bolo — tortas de limão e framboesa, *espresso* e avelã, algas e coco — na esperança de que pudessem ajudá-la a esquecer o que aconteceu. Mas nada penetrou sua dor: uma nuvem carregada não era facilmente levada pelo vento.

— Obrigada — agradeço, e a Sra. Alba abre seu sorriso largo.

Seus olhos refletem calor, gentileza. Sempre me senti reconfortada por ela. A Sra. Alba é espanhola, mas o marido é um verdadeiro irlandês, nascido em Dublin. Para o desespero dela, Rose conseguiu herdar todos os traços do pai.

— Vejo você às nove — digo a Rose, me despedindo.

A Sra. Alba e ela somem dentro da loja, para assar todos os bolos desmemoriados possíveis antes da chegada dos turistas em ônibus lotados, amanhã de manhã.

\* \* \*

A véspera do início da temporada Swan sempre me pareceu penosa. Como uma nuvem escura que não consigo espantar.

A noção do que está por vir, a morte que ronda a cidade, como se o destino arranhasse a porta de cada lar e loja. Posso senti-la no ar, na espuma do mar, no espaço entre as gotas de chuva. As irmãs estão chegando.

Todos os quartos das três pousadas de frente para a baía estão reservados pelas próximas três semanas, até o fim da temporada Swan — que acontece à meia-noite do solstício de verão. Os quartos com vista para o mar custam o dobro daqueles voltados para a cidade. As pessoas gostam de abrir as janelas e ficar nas varandas para ouvir a canção das irmãs Swan soando do fundo da enseada.

Um punhado de turistas adiantados já chegou a Sparrow, arrastando a bagagem para os saguões ou tirando fotos do porto. Estão neste momento perguntando onde tomar o melhor café ou tigela de sopa. Em geral, o primeiro dia na cidade parece o mais gelado; um frio que penetra nos ossos e não se vai.

Como a maioria dos habitantes da cidade, eu odeio essa época do ano. Mas não é a onda de turistas que me incomoda. É a exploração, a espetacularização de uma temporada que é uma maldição para esta cidade.

Na doca, jogo a mochila em um dos bancos do esquifê. Na tinta branca, ao longo da lateral a estibordo, há arranhões e mossas que lembram código Morse. Meu pai costumava pintar o barco toda primavera, mas a tarefa vem sendo negligenciada nos últimos três anos. Às vezes me sinto como aquele casco: machucado e deixado para enferrujar desde que meu pai sumiu em algum lugar no mar.

Coloco a pequena caixa de bolo no assento, ao lado de minha bolsa, e então dou a volta na proa, pronta para desamarrar o cabo do tirante, quando ouço o som oco de passos se aproximando às minhas costas.



Ainda estou com a bolina nas mãos quando noto um garoto parado a alguns metros, segurando o que parece ser um pedaço de papel amassado. Seu rosto está parcialmente escondido pelo capuz do moletom, e uma mochila pesa em seus ombros.

— Estou procurando Penny Talbot — diz ele, a voz como água gelada da torneira, o maxilar contraído. — Me disseram que poderia achá-la aqui.

Eu me endireito, tentando ver seus olhos, mas há uma sombra cobrindo a metade superior de seu rosto.

— Por que a está procurando? — pergunto, meio incerta se quero revelar que *eu* sou Penny Talbot.

— Achei isso na lanchonete... Chowder — responde ele, com um tom de dúvida, como se não tivesse certeza se havia lembrado o nome correto.

Chowder é um pequeno estabelecimento no fim do Shipley Pier, eleito a “melhor lanchonete” nos últimos dez anos pelo *Catch*, o jornal local. O *Catch* é um pequeno periódico impresso, que emprega o total de duas pessoas, uma das quais Thor Grantson, filho do dono. Thor está na mesma turma que eu. Durante o ano letivo, as crianças da cidade lotam o Chowder, mas, no verão, temos que dividir as banquetas gastas do bar e as mesas da varanda com a horda de turistas.

— Estou procurando trabalho — acrescenta, erguendo o pedaço de papel detonado para que eu o veja, e então me dou conta do que é.

Coloquei um bilhete no quadro de avisos de cortiça do Chowder cerca de um ano antes, procurando ajuda para o farol da ilha Lumiere, já que minha mãe se tornara quase incapaz de executar qualquer tarefa e eu não conseguia fazer tudo sozinha. Tinha me esquecido disso. Como ninguém apareceu atrás do emprego, e depois que o bilhete escrito à mão foi eventualmente soterrado por outros cartões de visita e filipetas, eu me virei sozinha.

Mas agora, de algum modo, esse forasteiro o encontrou em meio à maçaroca de papéis presa ao quadro.

— Não preciso mais de ajuda — digo, categórica, jogando a bolina dentro do barco... e revelando, sem querer, que sou Penny Talbot.

Não quero um estranho trabalhando na ilha, alguém em quem não posso confiar. Quando coloquei o anúncio, minha esperança era de que um pescador desempregado, ou talvez alguém da escola, se apresentasse. Mas ninguém apareceu.

— Já achou outra pessoa? — pergunta ele.

— Não. Apenas não preciso de ninguém no momento.

Ele esfrega a mão na cabeça, baixando o capuz que ocultava seu rosto, revelando olhos intensos e severos, verdes como a floresta depois da chuva. Ele não parece um errante, sujo ou como se estivesse tomando banho num banheiro de posto de gasolina. Aparenta ter a minha idade, talvez um ou dois anos mais velho. Mas ainda tem toda a pinta de um forasteiro: desconfiado e atento aos arredores. Ele tensiona o maxilar e morde o lábio inferior, olhando por cima do ombro para a margem, a cidade brilhante sob o sol da tarde, como se salpicada de glitter.

— Veio para a temporada Swan? — pergunto, concentrando meu olhar no garoto.

— Para o quê?

Ele me encara, um quê de determinação em cada movimento: o piscar da pálpebra, o tremor dos lábios antes da fala.

— Então por que está aqui?

É óbvio que não ele faz ideia do que seja a temporada Swan.

— Era o ponto final do ônibus.

Verdade. Sparrow é a última parada da rota de ônibus que serpenteia a costa do Óregon, parando em pitorescas vilas costeiras até chegar aqui. A rochosa cadeia de montanhas bloqueia a continuação de qualquer

estrada ao longo do litoral, então o tráfego precisa ser desviado para o interior por vários quilômetros.

— Escolheu uma péssima hora para visitar Sparrow — comento, desamarrando a última corda, mas sem soltá-la, para que o esquite não se afaste da doca.

Ele enfia as mãos nos bolsos da calça.

— Por quê?

— Amanhã é primeiro de junho.

Pela expressão rígida, impassível, posso dizer que ele não sabe mesmo no que se meteu.

— Desculpe não poder ajudá-lo — lamento, em vez de tentar explicar todos os motivos pelos quais seria melhor se ele apenas pegasse o ônibus de volta amanhã. — Pode procurar trabalho na fábrica de conservas ou em um dos barcos de pesca, mas geralmente não contratam gente de fora.

Ele assente, mordendo o lábio de novo e olhando para além de mim, para o oceano, para a ilha a distância.

— E quanto a um lugar para ficar?

— Pode tentar uma das pousadas, mas normalmente estão lotadas nesta época do ano. A temporada de turistas começa amanhã.

— Primeiro de junho? — repete ele, como se elucidando essa data misteriosa que, obviamente, significa algo para mim, mas não para ele.

— Sim. — Eu embarco e puxo a corda do motor. — Boa sorte.

E o deixo parado na doca enquanto atravesso a baía em direção à ilha. Olho para trás várias vezes e ele ainda está lá, observando a água como se não soubesse o que fazer a seguir.

Por fim, olho para trás e ele se foi.

# TRÊS

A fogueira solta faíscas no prateado céu noturno. Rose e eu descemos a trilha irregular até Coppers Beach, o único trecho de costa em Sparrow que não é cercado por rochas e penhascos íngremes. É uma extensão estreita de areia preta e branca, que acaba em uma caverna subaquática, cujo interior apenas alguns dos mais corajosos — e estúpidos — garotos já tentaram alcançar a nado.

— Você deu a ela o bolo desmemoriado? — pergunta Rose, como um médico que receitou um remédio e quer saber se houve algum efeito colateral ou melhora.

Depois que voltei à ilha Lumiere, depois de uma chuveirada no velho banheiro em frente a meu quarto e de examinar meu pequeno closet retangular, tentando decidir o que vestir no evento de hoje à noite — enfim decidindo por jeans branco e um grosso suéter preto para espantar o frio da noite —, fui até a cozinha e presenteei minha mãe com o bolo desmemoriado da Sra. Alba. Ela estava sentada à mesa, observando uma xícara de chá.

— Outro? — perguntou com tristeza, quando deslizei o bolo para ela.

Em Sparrow, a superstição tem tanto peso quanto a lei da gravidade ou a previsibilidade das tabelas de maré. Para a maioria dos habitantes de Sparrow, os bolos da Sra. Alba têm a mesma probabilidade de aju-

dar minha mãe que um vidro de comprimidos prescrito pelo médico. Assim, ela obedientemente deu pequenas dentadas no *petit four* de limão e lavanda, com cuidado para não deixar cair nenhuma migalha no suéter bege grande demais, as mangas enroladas até o meio dos braços pálidos e ossudos.

Não acho que tenha se dado conta de que hoje é o último dia de aula, que acabo de terminar meu segundo ano do ensino médio e que amanhã é primeiro de junho. Não é como se tivesse perdido todo o senso de realidade, mas os limites de seu mundo se tornaram indistintos. Como quando se aperta a tecla mudo no controle remoto. Ainda é possível ver a imagem na TV, as cores estão todas lá, mas não há som.

— Pensei tê-lo visto hoje — murmurou ela. — Parado na margem abaixo do penhasco, olhando para mim. — Seus lábios tremeram de leve, os dedos deixaram cair algumas migalhas de bolo no prato a sua frente. — Mas foi só uma sombra. Um jogo de luz.

— Sinto muito, mãe — falei, tocando seu braço com suavidade.

Ainda consigo ouvir o som da porta de tela batendo na noite que meu pai saiu de casa, lembro o modo como ele caminhou até a doca, os ombros curvados contra a maresia, o passo cansado. Eu o observei partir naquela noite de tempestade, há três anos, e ele jamais voltou.

Simplesmente sumiu da ilha.

Seu veleiro ainda estava ancorado, a carteira no aparador ao lado da porta da frente. Nenhum sinal. Nenhum bilhete. Nenhuma pista.

— Às vezes também acho que o vejo — comentei, tentando consolá-la, mas ela apenas olhava o bolo à sua frente, a expressão suave e distante enquanto comia os últimos pedaços em silêncio.

Sentada ao seu lado à mesa da cozinha, não pude evitar e me vi em minha mãe: o cabelo castanho liso e comprido, os mesmos olhos azuis fluidos e a trágica pele pálida, que raramente via o sol naquele lugar

lúgubre. No entanto, enquanto ela é refinada e graciosa, com braços de bailarina e pernas de gazela, sempre me senti trôpega e desajeitada. Quando era mais nova, eu costumava andar curvada, tentando parecer mais baixa que os meninos de minha turma. Ainda hoje, com frequência me sinto uma marionete cujo titereiro puxa todas as cordas erradas, de modo que me atrapalho e tropeço e tateio desajeitada à frente.

— Não acredito que bolo vá curá-la — respondo a Rose enquanto caminhamos pela trilha ladeada por grama seca e silvas. — A lembrança do sumiço de meu pai está tão enraizada em sua mente que nenhuma dose de remédio vai arrancar.

— Bem, acho que minha mãe ainda não desistiu. Hoje mesmo estava falando de uma nova receita misturando pólen de abelha e primula, que ela considera capaz de desfazer a pior das memórias.

Finalmente chegamos à praia, e Rose passa o braço pelo meu, nossos pés chutando a areia conforme abrimos caminho até a fogueira.

A maioria das garotas usa vestidos decotados e longos, com vários babados, e fitas presas ao cabelo. Até Rose veste um, verde pálido, feito de renda e chiffon, que varre a areia quando ela se move, arrastando pedaços de gravetos e conchas.

Olivia Greene e Lola Arthurs, melhores amigas e rainhas da elite de Sparrow, estão dançando do outro lado da fogueira quando chegamos. As duas estão nitidamente chapadas, o que não é surpresa para ninguém. O cabelo de ambas tem o mesmo tom preto gótico, a franja curta e dramática, pintado e cortado há apenas duas semanas para a temporada Swan. Em geral, suas madeixas são longas, onduladas e loiríssimas. Com certeza voltarão a ser assim quando a temporada Swan chegar ao fim e elas não sentirem mais necessidade de se vestir como a morte. Mas Olivia e Lola amam a encenação, amam se produzir, amam ser o centro das atenções em qualquer evento.

Ano passado, elas colocaram piercings no nariz para desafiar os pais; o de Olivia é um ponto prateado na narina esquerda, o de Lola, uma argola na direita. E as unhas estão pintadas no mesmo tom macabro de preto, um perfeito complemento para o cabelo. Elas giram em círculos ao lado da fogueira, jogando os braços para o alto e meneando a cabeça de um lado para o outro, em um arremedo de personificação das irmãs Swan. Duvido que elas tenham feito algo tão idiota há duzentos anos.

Alguém entrega uma cerveja a Rose, que, por sua vez, a passa para mim. Tomo o primeiro gole. Às vezes, nos fins de semana, roubamos cervejas ou meia garrafa de vinho branco da geladeira de seus pais. Então ficamos altinhas enquanto nos esticamos no chão de seu quarto, ouvindo música — atualmente música country, nossa mais recente obsessão — e folheando o último anuário, especulando sobre quem vai pegar quem este ano, e quem pode ser possuído por uma irmã Swan no verão.

Tomo um gole e esquadrinho a multidão em busca de rostos conhecidos, à procura de meus colegas de classe desde a escola primária. Tenho a nítida impressão de que não conheço nenhum deles. Não de verdade. Conversei superficialmente com alguns: *Você anotou os capítulos que temos que ler para a aula de história do Sr. Sullivan, no terceiro tempo? Tem uma caneta para me emprestar? Tem um carregador de celular que eu possa usar?* Mas chamar qualquer um de “amigo” seria um exagero, uma mentira deslavada. Talvez seja, em parte, porque sei que a maioria vai deixar a cidade eventualmente. Eles vão para a faculdade, viver vidas bem mais interessantes que a minha. Somos apenas navios de passagem; não faz sentido selar amizades fadadas ao fracasso.

E, embora Rose não esteja propriamente galgando os degraus da hierarquia social de Sparrow, ela pelo menos se esforça para parecer

sociável. Rose sorri para as pessoas nos corredores e conversa com seus vizinhos de armário. Este ano, Gigi Kline, capitã das animadoras de torcida de nosso esforçado time de basquete, até a convidou para um teste. Elas já foram amigas no ensino fundamental. Melhores amigas, na verdade. Mas as amizades são mais fluidas na escola primária; nada soa tão definitivo. E, apesar de não serem mais tão próximas, Rose e Gigi permaneceram amigáveis. Um tributo à natureza amável de Rose.

— Às irmãs Swan! — grita alguém. — E à porra de outro ano de escola!

Braços se erguem, segurando latas de cerveja e copos vermelhos, e um coro de urros e assovios se faz ouvir pela praia.

A música começa a tocar de um rádio equilibrado sobre um dos troncos perto da fogueira. Rose pega de volta a cerveja e me dá uma garrafa maior. Uísque... passa de mão em mão pela multidão.

— É horrível — confessa, o rosto ainda contraído.

Em seguida, ela sorri, erguendo uma sobrancelha para mim.

Entorno um rápido gole da bebida escura. O álcool queima a minha garganta e faz os pelos de meus braços se arrepiarem. Passo a garrafa para a pessoa a minha direita, Gigi Kline. Ela sorri, não para mim, mas para a garrafa quando a pega de minha mão. Então a leva à boca, tomando um gole bem maior do que eu jamais conseguiria, depois enxuga os perfeitos lábios cor de coral antes de passar a garrafa para a garota a sua direita.

— Faltam duas horas para a meia-noite — anuncia um garoto do outro lado da fogueira, e uma nova onda de urros e gritos ecoa pelo grupo.

E aquelas duas horas passam em uma névoa de fumaça da fogueira e mais cervejas e provas de uísque, que queimam menos e menos a cada gole. Não tinha planejado beber — ou ficar bêbada —, mas o calor



se espalha por todo o meu corpo, me deixando descontraída e leve. Quando nos damos conta, Rose e eu estamos dançando alegremente na companhia de pessoas com quem nunca falamos. Que, em geral, nunca falam conosco.

Quando falta menos de trinta minutos para a meia-noite, o grupo começa a cambalear pela praia até a beira d'água. Algumas poucas pessoas, muito bêbadas ou muito entretidas na conversa para deixar a fogueira, ficam para trás, mas o restante de nós se reúne em uma espécie de procissão.

— Quem é corajoso o bastante para ser a primeira? — desafia Davis McArthurs, bem alto para todo mundo ouvir, o cabelo loiro e arrepiado afastado da testa, as pálpebras pesadas, como se estivesse prestes a tirar uma soneca.

Um burburinho de vozes furtivas corre a multidão, e algumas poucas garotas são empurradas de brincadeira, os pés mergulhando até o tornozelo no oceano, antes de fugirem de volta. Como se alguns centímetros de água fossem suficientes para que as irmãs Swan roubassem seus corpos humanos.

— Eu vou — responde uma voz musical.

Todo mundo vira o pescoço para ver de quem se trata. Olivia Greene dá um passo adiante, rodopiando, de modo que o vestido amarelo gira ao seu redor como uma sombrinha. Está nitidamente bêbada, mas o grupo a encoraja. Ela faz uma reverência, como se cumprimentasse seus fãs ardorosos, antes de virar o rosto para a enseada negra e plácida. Sem precisar ser pressionada, ela se enfia no mar salgado com os braços estendidos. Quando a água chega a sua cintura, Olivia dá um mergulho pouco gracioso, que parece mais uma barrigada. Ela desaparece por meio segundo, depois volta à superfície, rindo loucamente, o trágico cabelo preto colado ao rosto, como algas marinhas.

A multidão aplaude. Lola entra na água até os joelhos, chamando Olivia de volta ao raso. De novo, Davis McArthurs convoca voluntários. Desta vez, há apenas um ligeiro intervalo antes que uma voz grite:

— Eu vou!

Desvio o olhar para a esquerda, de onde Rose saiu da multidão em direção à água.

— Rose — vocífero, estendendo a mão, e seguro seu braço. — O que está fazendo?

— Dando um mergulho.

— Não, você não pode.

— Nunca acreditei nas irmãs Swan mesmo — diz ela, com uma piscadela.

E o grupo a afasta de mim, guiando Rose em direção ao oceano gelado. Ela abre um sorriso franco enquanto caminha pelo mar, ultrapassando Olivia. A água mal chega a sua cintura quando ela mergulha e desliza sob a superfície. Uma ondulação se espalha atrás de Rose, e todo mundo na praia fica em silêncio. O ar se contrai em meus pulmões. A superfície da água serena, e até Olivia — ainda até a canela na água — se vira para olhar. Mas Rose não reaparece.

Quinze segundos se passam. Trinta. Meu coração esmurra o peito em dolorosa certeza de que algo não está certo. Abro caminho pela multidão, subitamente sóbria, esperando o cabelo ruivo de Rose romper a superfície. Mas não se nota nem mesmo uma brisa. Nem mesmo uma tremulação.

Dou um único passo na direção da água. Preciso ir atrás dela. Não tenho escolha. De repente, sob a pálida meia-lua, estilhaçando a calma, ela brota da água, emergindo vários metros à frente de onde mergulhou. Solto um suspiro trêmulo de alívio e a multidão irrompe em uma ovação coletiva, erguendo os copos, como se tivessem acabado de testemunhar um feito impossível.

Rose boia de costas e gira os braços sobre a cabeça em um cata-vento fluido, nadando em direção à margem — despreocupada, como se estivesse em uma piscina. Fico na expectativa de que Davis McArthurs convoque mais alguém para um mergulho, mas o grupo ficou agitado e as garotas agora saltitam pela água rasa, mas sem entrar. As pessoas deitam na areia, algumas tomando cerveja por um furo na lata, outras dando piruetas desleixadas até a água.

Rose enfim chega à praia. Tento alcançá-la, mas vários caras do último ano se reuniram ao redor dela, dando um “toca aqui” e lhe oferecendo cervejas. Eu me separo do grupo. Ela não devia ter feito aquilo. Não devia ter entrado na água. Foi arriscado. Meu rosto está em brasa enquanto a observo enxugar os braços de modo displicente, satisfeita consigo mesma, sorrindo para o amontoado de garotos que manifestaram um súbito interesse nela.

O luar traça um caminho até a praia, e me afasto da balbúrdia da festa — não muito, apenas o bastante para recuperar o fôlego. Bebi demais, e o mundo está começando a zumbir, a crepitar e a sair do eixo. Penso em meu pai, desaparecido em uma noite em que não havia lua para iluminar o caminho, nenhuma estrela para guiar sua volta no escuro. Se houvesse luar, talvez ele tivesse retornado para nós.

Cogito voltar para a marina, abandonando a festa e retornando à ilha, quando ouço uma respiração pesada e os passos trôpegos de alguém cambaleando na areia atrás de mim.

— Ei! — chama uma voz.

Dou meia-volta e vejo Lon Whittamer, um dos notórios baladeiros da Sparrow High, bamboleando em minha direção, como se eu bloqueasse seu caminho.

— Oi — respondo baixinho, tentando me desviar para que ele possa retomar sua caminhada bêbada até a praia.

— Você não é a Pérola? — pergunta ele. — Não, Páprica. — Ele ri e joga a cabeça para trás, os olhos castanhos fechando de leve, antes de se concentrarem em mim novamente. — Não conta! Eu vou me lembrar — continua, com um dedo em riste, como se para me impedir de revelar meu nome antes que ele tenha tempo de adivinhar por conta própria. — Priscilla. Hummm, Píton.

— Está apenas chutando coisas que começam com a letra *P*.

Não estou com disposição para isso; só quero ficar sozinha.

— Penny! — grita ele, me interrompendo.

Recuo um passo quando ele se inclina para a frente, exalando um hálito de álcool e quase caindo em cima de mim. Seu cabelo castanho-escuro está colado à testa e seus olhos estreitos parecem incapazes de focar, piscando a cada poucos segundos. Ele veste uma camiseta laranja neon, estampada com palmeiras e flamingos. Lon gosta de usar camisas havaianas detestáveis em tons tropicais berrantes, com aves exóticas, abacaxis e dançarinas de hula. Acho que começou como piada, ou talvez um desafio, no primeiro ano do ensino médio, e então o estilo se tornou sua marca registrada. Faz com que ele pareça um octogenário em eternas férias na cidade de Palm Springs. Como tenho certeza de que Lon nunca pisou em Palm Springs, a mãe deve encomendar as camisas on-line. E, esta noite, ele está usando uma das mais feias.

— Gosto de você, Penny. Sempre gostei — balbucia.

— É mesmo?

— Sim. Você é meu tipo de garota.

— Duvido. Você nem mesmo sabia meu nome há dois segundos.

Os pais de Lon Whittamer são donos da única grande mercearia da cidade: Lon's Grocery, que batizaram em sua homenagem. E Lon é conhecido por ser um completo babaca narcisista. Ele se considera um conquistador, um autoproclamado Casanova, apenas porque pode

oferecer às namoradas descontos em itens de maquiagem da exígua seção de cosméticos da loja dos pais. Ele usa isso como um troféu, que só entrega a meninas que considera dignas. Mas também é conhecido por trair as namoradas, e já foi flagrado inúmeras vezes pegando outras garotas em sua caminhonete vermelha cromada, com suspensão elevada e para-lamas. Basicamente, é um idiota que não merece nem mesmo o fôlego gasto para mandá-lo sumir.

— Por que você não entrou na água? — pergunta ele, malicioso, chegando mais perto outra vez. — Como fez sua amiga?

Ele afasta o cabelo da testa, e os fios ficam espetados por causa do suor ou da água do mar.

— Eu não quis.

— Tem medo das irmãs Swan?

— Sim, tenho — respondo com sinceridade.

Ele semicerra os olhos, e um sorriso estúpido curva seus lábios.

— Talvez devesse nadar comigo?

— Não, obrigada. Vou voltar para a festa.

— Você nem se fantasiou — observa, os olhos passeando por meu corpo como se ele estivesse chocado com a minha aparência.

— Lamento desapontá-lo.

Começo a dar a volta, mas ele me segura e crava os dedos em meu braço.

— Não pode sair assim. — Ele soluça, fecha os olhos novamente, em seguida os abre de repente, como se tentasse continuar acordado.

— Ainda não nadamos.

— Eu já disse que não vou entrar na água.

— Claro que vai. — Ele sorri, brincalhão, como se eu estivesse me divertindo tanto quanto ele, e começa a me arrastar para o raso.

— Pare. — Uso minha outra mão para empurrá-lo. Mas ele continua a recuar, mais para dentro da enseada. — Pare! — grito — Me larga!

Olho para a praia, para o grupo de pessoas, mas estão todos muito excitados e bêbados e distraídos para me ouvir.

— Só um mergulho — ele diz, ainda sorrindo, arrastando cada palavra conforme pulam de seus lábios.

Nós cambaleamos com água até a canela, e dou um murro em seu peito. Lon faz uma breve careta, então sua expressão muda, torna-se zangada, e ele arregala os olhos.

— Agora é que você vai entrar mesmo — anuncia ele, mais ríspido.

Ele puxa o meu braço de modo que tropeço e afundo ainda mais, mas não o bastante para arriscar ser possuída por uma irmã Swan. Mesmo assim, meu coração começa a martelar, o medo bombeando o sangue para minhas extremidades e inundando de pânico minhas veias. Levanto o braço novamente, pronta para esmurrar sua cara e impedir que me arraste mais para o fundo, quando alguém aparece à minha esquerda; alguém que não reconheço.

Tudo acontece em um instante: o estranho dá um empurrão no peito de Lon, de cuja garganta sai um som estrangulado. Seu aperto em meu braço cede ao mesmo tempo em que ele perde o equilíbrio. De repente, começa a retroceder, caindo na água, agitando os braços.

Dou um passo incerto para trás, tomando fôlego, e a pessoa que empurrou Lon segura meu braço para me firmar.

— Você está bem? — pergunta ele.

Assinto, o coração ainda acelerado.

A alguns metros, Lon se levanta, com água pela cintura, engasgando e tossindo e enxugando o rosto. A camisa laranja berrante agora está encharcada.